

MADALENA OLIVEIRA

CENTRO DE ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE/
UNIVERSIDADE DO MINHO (PORTUGAL)

SOM EM FREQUÊNCIA MODERADA: CARTOGRAFIA DOS ESTUDOS DE RÁDIO EM PORTUGAL

COM PAIXÃO, MAS SEM TRADIÇÃO

Na academia como no mercado mediático, a rádio goza de um estatuto relativamente modesto. Sem os exibicionismos próprios dos meios visuais, o meio radiofónico define-se por uma presença ao mesmo tempo popular e discreta, simples e elegante, na vida quotidiana. Tendo acompanhado o aparecimento de quase todas as formas de representação visual e tendo convivido “com todas as formas emergentes de imagem” no século XX (Oliveira & Pedro, 2011, p. 6), afirmou-se como um meio invisual, uma característica que muitas vezes o confundiu com um meio também invisível. Num livro de 1989, Peter Lewis e Jerry Booth falam desta invisibilidade como uma condição que se explica por uma certa tendência para subordinar a rádio à televisão em matéria de políticas públicas, subestimando-se o seu potencial como meio de comunicação e de difusão de conteúdos. Por outro lado, para os autores, a marginalização da rádio deve-se ao facto de os estudos de comunicação terem sempre considerado este meio num lugar menor da história dos média. A mesma ideia é retomada num texto do ano 2000, publicado por Peter Lewis no *International Journal of Culture*. Referindo-se ao estatuto cultural da rádio, o autor explica que ela tem sido um lugar de paixões privadas, mas ninguém o reconhece em público (Lewis, 2000).

Referida genericamente pelos profissionais como um meio apaixonante, a rádio é, no contexto dos média tradicionais, um meio mais ou menos negligenciado. Na década de 1970, Ángel Faus Belau, considerou-o um meio desconhecido (1981)¹. Vinte anos depois, Edward Pease e Everette Dennis ainda falavam da rádio como um meio esquecido. Para os autores,

¹ Editado pela primeira vez em 1974, o livro *La radio: introducción al estudio de un medio desconocido* foi republicado em 1981. É esta segunda edição que se toma como referência no presente capítulo.

“como o ar, também a rádio está aí, sendo parte da paisagem mediática e social, mas raramente reconhecida ou notada” (1995, p. xi). Invisível, desconhecido ou esquecido, o meio radiofónico não representa, na verdade, um meio muito expressivo nas Ciências da Comunicação. Ao contrário da imprensa, ou mesmo da televisão, a rádio não conta com uma grande tradição académica. Se entre o final do século XIX e o início do século XX, a imprensa estava sob o olhar de críticos e intelectuais que chegaram a considera-la uma literatura menor ao serviço de interesses políticos e económicos, a partir dos anos 1950, quando a Comunicação apareceu como disciplina, tanto investigadores como *opinion makers* passaram a focar-se no “impacto que a televisão começava a ter no comportamento das pessoas” (Oliveira, Portela & Santos, 2012, p. 3). Embora alguns nomes de referência marquem alguns trabalhos emblemáticos desta área, como o de Rudolf Arnheim, a produção científica neste campo não tem, portanto, acompanhado a intensidade da história que a rádio tem vivido ao longo de quase um século.

Apesar de os primeiros estudos de comunicação terem manifestado algum interesse pela rádio, ao analisarem os efeitos da comunicação radiofónica sobre a opinião pública, durante várias décadas o desenvolvimento dos chamados *media studies* aconteceu mais ou menos alheado do valor cultural da rádio. Não sendo totalmente omissos relativamente a este meio, alguns trabalhos académicos contribuíram, no entanto, para uma certa diluição da rádio nos chamados meios audiovisuais, no contexto dos quais a televisão sempre teve uma certa supremacia. Várias obras são conhecidas sobre a história da rádio e da televisão, como a de Pierre Albert e de André-Jean Tudesq, intitulada *Histoire de la radio-télévision* (1981). Outras versam especificamente sobre técnicas de produção audiovisual, como o livro de José Martínez Abadía que pretende ser uma *Introducción a la tecnología audiovisual: televisión, vídeo, radio* (1995). Outras ainda debatem o serviço público, tratado normalmente como um assunto dos meios audiovisuais (ver, por exemplo, *Public radio and television in America: a political history*, de Ralph Engelman, 1996, ou mais recente, de 2013, o livro de David Hendy, intitulado *Public Service Broadcasting*).

É certo que, para além do episódio da *Guerra dos Mundos* de Orson Wells, em 1938, a rádio não tem protagonizado acontecimentos ou histórias que levem a considerá-la um meio maléfico. Não tiveram sequer grande repercussão as apreensões manifestadas na década de 1960, quando a rádio se associou aos movimentos de vanguarda da música. Nem tão-pouco os receios manifestados por conservadores relativamente à clandestinidade

das rádios piratas que emergiram a partir do final dos anos 1970. Pela sua natureza mais discreta, a rádio ficou de fora dos debates sobre a violência das imagens cinematográficas e televisivas ou sobre a espetacularização da informação encenada tanto pela imprensa popular como pela televisão em geral. No entanto, este alheamento não tem sido suficientemente compensado com estudos que reconheçam o papel decisivo que este meio tem tido quer ao lado de acontecimentos políticos marcantes, como a Revolução do 25 de Abril em Portugal, quer pelo facto de ser ainda hoje o meio com mais penetração em contextos desfavorecidos (em África e na Ásia, especialmente, a rádio é ainda o meio mais acessível, por vezes, o único, que garante a conexão de muitas populações com o resto do mundo).

Não obstante a produção bibliográfica dedicada à dimensão tecnológica deste primeiro meio de radiodifusão, várias áreas de conhecimento têm passado ao lado da rádio quando refletem sobre o papel e a atividade dos média. Com um impacto económico moderado quando comparado com a televisão, para a economia política dos média este tem sido um meio secundário. Por outro lado, numa área em franca expansão como a literacia mediática, têm sido particularmente visíveis trabalhos que refletem sobre a relação dos públicos mais jovens com a televisão e com a Internet, mais do que com os meios exclusivamente sonoros. E mesmo do ponto de vista cultural, têm sido ainda pouco expressivos os trabalhos focados em arte e estética sonora. Dispersos pelos interesses de grupos minoritários de investigadores, estes trabalhos não encontram ainda um reconhecimento que permita falar de uma *sound culture* nos mesmos termos em que hoje se pensa a chamada *visual culture*. Como explica David Hendy, num livro sobre a história humana do som e do ouvir, “o ‘visual’ chega a ser encarado como o sentido mais compreensivo e digno de confiança, enquanto o ‘auditivo’ foi deixado para trás, graças a associações com a passividade, a superstição e o boato” (Hendy, 2013, p. xiii).

Também numa perspetiva semiótica, pode reconhecer-se que os estudos sobre a linguagem e os média se desenvolveram num caminho que foi da análise do texto verbal para a análise da imagem. São hoje largamente diversificados os trabalhos de semiótica da imagem relativamente a todos os suportes, desde o cinema à publicidade visual, não se podendo fazer semelhante conclusão para a linguagem sonora. A aplicação da abordagem semiótica ao *sound design* e à música, por exemplo, configura uma opção metodológica ainda residual, que não autoriza a designação de uma semiótica do som equivalente à consolidada semiótica da imagem ou semiótica visual.

Em termos de investigação, a rádio padece de uma dificuldade que lhe é anterior, a de se reconhecer o som como um objeto de estudo tão interessante e relevante como o texto ou a imagem. Três razões principais poderão justificar este desvio relativamente à matéria acústica. Por um lado, o caráter indicial do som. Ao contrário de outras formas significantes, o som é intrínseco aos próprios objetos significados; ele emana da alma das coisas, como a voz emana da alma das pessoas. Daí que haja uma certa dificuldade de se estudar o som como um suporte independente da realidade para a qual remete. Por outro, a natureza invisível do som. Apesar de ser vibração e de as ondas sonoras se propagarem através de meios materiais, o som tem uma “aparência” imaterial, não palpável. Sente-se, sem ter, no entanto, um caráter tátil, o que justificará uma certa dificuldade de se estudar o que não se vê². Finalmente, até à digitalização dos processos de gravação e edição sonora, também as dificuldades de registo e manipulação de som para efeitos de investigação terão criado obstáculos à condução de estudos empíricos.

EMERGÊNCIA DOS ESTUDOS DE RÁDIO EM PORTUGAL

Embora internacionalmente os primeiros trabalhos académicos sobre a comunicação e os média tenham sido publicados no período entre as duas guerras mundiais, na sequência de pesquisas sobre os efeitos da comunicação de massas sobre a opinião pública, em Portugal a história das Ciências da Comunicação só se iniciou com a instituição da democracia, ou seja, após a Revolução de 1974. A introdução da comunicação no ensino universitário em Portugal, e concomitantemente a formação da área em termos científicos, deu os primeiros passos no final da década de 1970, quando se criou, na Universidade Nova de Lisboa, o primeiro curso superior em Comunicação Social. A partir de então começou a expandir-se a oferta formativa por outras universidades, tendo surgido também progressivamente centros de investigação e publicações científicas dedicadas à comunicação. Nas duas décadas seguintes, “a comunicação propagou-se a toda a academia portuguesa, onde se constituíram ao longo dos anos grupos especializados em áreas como o jornalismo, os estudos fílmicos, a comunicação organizacional, os estudos televisivos e a comunicação multimédia” (Martins & Oliveira, 2013, p. 255).

² Hoje, porém, esta dificuldade está tecnicamente ultrapassada graças aos dispositivos que permitem o tratamento digital do som. Nos programas informáticos de edição de som (como o Adobe Audition, o Dalet, o Audacity...), a curva acústica ganha uma configuração absolutamente visual que tem despoletado novos entusiasmos tanto de criação artística como de investigação.

No que ao ensino diz respeito, os cursos de graduação em comunicação do país preveem genericamente alguma formação em rádio, embora quase exclusivamente de acordo com duas abordagens: a da história da média e a da produção jornalística. Ao contrário da imagem, que tem justificado a autonomização de disciplinas nos planos de estudos (disciplinas sobre comunicação visual, fotografia, filmologia, teoria e análise da imagem...), o som parece não constituir uma componente explícita do ensino em comunicação. Praticamente ausentes dos programas de licenciatura, os meios sonoros são também escassamente tratados ao nível da pós-graduação, excetuando-se apenas um curso de mestrado em som e imagem, ministrado na Universidade Católica Portuguesa. Uma leitura dos planos de estudos dos principais cursos do país revela a inexistência de formação em géneros ligados à animação radiofónica e à produção dramática sonora. Por outro lado, nos cursos de carácter profissionalizante, a experiência de estágio em estações de rádio está confinada exclusivamente ao domínio do jornalismo, não havendo uma aposta em outras áreas de produção radiofónica para além do trabalho realizado nas redações. Dado o perfil da maioria dos professores universitários nesta área, muitas vezes com experiência prévia no exercício do jornalismo radiofónico, a maior parte dos cursos superiores de comunicação não demonstra um investimento noutros domínios de expressão sonora.

No que concerne à investigação, a produção académica tem sido também relativamente silenciosa, embora menos focada na dimensão jornalística do que o ensino. Apesar de o grau de doutor em ciências da comunicação ser atribuído em Portugal desde 1991, só em 1997 foi apresentada a primeira tese de doutoramento sobre rádio numa universidade portuguesa. Em 18 anos, terão sido concluídas apenas 12 dissertações doutorais³, sendo evidente um aumento substantivo do investimento nesta área a partir da segunda metade dos anos 2000. Em Espanha, por exemplo, entre 1976 e 2008, ter-se-ão defendido 118 teses sobre rádio em 24 universidades, segundo dados recolhidos por Rafael Repiso Caballero, Daniel Torres Salinas e Emilio Delgado López-Cozar (2011, p. 422). De acordo com a informação tratada pelos autores, o quinquénio mais produtivo refere-se ao período entre 1998 e 2002, com 43 teses apresentadas. No mesmo período, não houve nenhuma tese em Portugal.

³ No blogue Rádio e Jornalismo, o investigador português Luís Bonixe lista todas as dissertações defendidas nesta área do conhecimento. Ver <http://radioejornalismo.blogspot.pt/2009/07/doutoramentos-sobre-radio-portuguesa.html>.

Em termos temáticos, três teses produzidas por investigadores portugueses revelam trabalho dedicado à informação radiofónica. O primeiro foi defendido, na Universidade Nova de Lisboa, pelo investigador brasileiro Eduardo Meditsch com o título *A especificidade da informação radiofónica*. Na mesma universidade, Luís Bonixe defendeu em 2009 outro trabalho de jornalismo em rádio, intitulado *A Informação radiofónica: rotinas e valores-notícia da reprodução da realidade na rádio portuguesa. A Internet como cenário emergente*. Três anos mais tarde, Ana Isabel Reis apresentou, na Universidade do Minho, o trabalho *O áudio no jornalismo radiofónico na Internet*. Sobre matérias mais ligadas à dimensão técnica da rádio defendeu o investigador português Rui de Melo, na Universidad Pontificia de Salamanca, uma tese sobre *O Digital Audio Broadcasting e as implicações nos conteúdos radiofónicos*. Na mesma linha de estudos, e também numa universidade espanhola, a Universidad de Vigo, apresentou João Paulo Menezes uma dissertação dedicada ao *Consumo ativo dos novos utilizadores na Internet: ameaças e oportunidades para a rádio musical (digitalizada)*. Já Marcelo Mendonça Teixeira apresentou, em estudos de educação, em 2013, na Universidade do Minho, uma pesquisa sobre *A rádio web como uma interface dinamizadora das potencialidades educativas da Rádio Universitária do Minho*. Em 2015, Pedro Portela defendeu, também na Universidade do Minho, uma tese sobre *A voz do utilizador na mediamorfose da rádio: a interatividade e os consumos radiofónicos no início do século XXI*. No quadro de estudos mais ligados à economia e indústria da rádio, três dissertações descrevem o trabalho de investigadores portugueses: a de Paula Cordeiro, defendida em 2007 na Universidade Nova de Lisboa, sobre *Estratégias de programação na rádio em Portugal: o caso da RFM na transição para o digital*; a de Sílvia Correia Santos, apresentada na Universidade de Coimbra em 2011, sobre *Serviço Público de Radiodifusão em Portugal: do controlo ideológico ao fim da representatividade social*; e a de Susana Santos apresentada na área de sociologia no Instituto Universitário de Lisboa, em 2012, sobre *O processo de liberalização das emissões de rádio em Portugal entre estado, igreja católica e mercado*. No que concerne a outras temáticas, mais ligadas à história e à identidade deste meio, são de referir também três trabalhos: um sobre *Comunidades radiofónicas: um estudo etnográfico sobre a radiodifusão local em Portugal*, da autoria de Filipe Reis, que se doutorou no Instituto Universitário de Lisboa, em 2006; outro defendido em língua inglesa, por Nelson Ribeiro, na Universidade de Lincoln sobre *Radio broadcasting in Portugal during War II*; outro ainda sobre *A Construção da Identidade de uma comunidade imigrante portuguesa na Argentina (Escobar) e a comunicação social*, em que o autor Fernando

Moura elabora acerca das potencialidades da rádio para a estruturação dos imigrantes como grupo.

Sendo relativamente diversificados, estes trabalhos de investigação tornam evidente uma preocupação com os processos de digitalização da rádio e com a sua relação com a Internet. No entanto, esta intensificação da pesquisa científica ainda não tem uma tradução muito significativa em termos bibliográficos. Se noutros países próximos de Portugal, como Espanha e o Brasil, a publicação de livros é mais ou menos numerosa, “em Portugal, a produção bibliográfica neste domínio soma pouco mais de 30 livros, entre trabalhos académicos, registos históricos e reflexões mais ou menos pessoais de profissionais do meio” (Oliveira, 2013, p. 77). Também em termos de publicações periódicas, é pouco expressiva a dedicação à rádio. Neste ponto, destaca-se apenas um número da revista *Comunicação e Sociedade*, publicada pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, o número 20 dedicado à *Rádio na frequência da Web* e um número da *Revista Média e Jornalismo*, o número 24 sobre *Rádio, Contextos e Linguagens*, ambas reunindo contributos de investigadores portugueses e estrangeiros com reflexões sobre a produção radiofónica em contexto de adaptação à Internet.

É este também o tema da primeira investigação coletiva financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, que em 2011 aprovou o projeto “Estação NET: moldar a rádio para ambiente Web”⁴. Com início em janeiro de 2013, um outro projeto com financiamento europeu conta também com a participação de uma equipa de investigadores portugueses, filiados no então Centro de Investigação Média e Jornalismo, que hoje está integrado no Centro de Investigação em Comunicação, Informação e Cultura Digital (CIC.Digital). O RadioActive Europe⁵ tem como objetivo criar uma plataforma *online* para uma rádio pan-europeia, recorrendo a uma ferramenta de Web 2.0.

Ainda que incipientes, estas iniciativas têm contribuído para o aumento da visibilidade de trabalhos que até ao início da década de 2010 se fazia de forma isolada e dispersa por algumas universidades. Alguns movimentos no sentido da criação de uma rede nacional de investigadores em rádio foram iniciados em 2013, tendo resultado na criação, em outubro do

⁴ Ref^a PTDC/CCI-COM/122384/2010. Ver <http://www.lasics.uminho.pt/netstation>. Embora não especificamente sobre rádio, um outro projeto financiado pela FCT no concurso de 2010 tem um foco particular no som. É o projeto Lisbon Sound Map, em desenvolvimento no CICANT, Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias.

⁵ Ver <http://radioactive101.eu/>

mesmo ano, do grupo de trabalho Rádio e Meios Sonoros⁶, com o objetivo de contrariar o trabalho solitário e de promover a ligação a redes internacionais de investigação e cooperação científica. Apesar de “dificuldades várias ligadas à estreiteza do seu núcleo de investigadores, aos contrangimentos económicos que afetam toda a área das ciências sociais e humanas e a um passivo histórico de invisibilidade científica” (Oliveira, 2013, p. 78), os Estudos de Rádio em Portugal têm uma natureza emergente, mas muito dinâmica. Movida por uma relação afetiva ao meio e por sentidas lacunas ao nível da investigação, a comunidade científica portuguesa dá sinais de afirmação neste domínio, numa altura em que os vaticínios sobre o fim da rádio parecem ser refutados por novos entusiasmos.

FORÇAS E OPORTUNIDADES DA INVESTIGAÇÃO EM RÁDIO

Em Portugal, como talvez em termos mais globais, a investigação em rádio consiste num esforço que exige combater algumas fraquezas e ameaças à consolidação da área. Para além da ausência de uma tradição académica sólida e da concomitante escassez de referências consistentes, já referidas neste texto, os Estudos de Rádio não têm a seu favor o moderado impacto económico da indústria radiofónica. Por isso, às dificuldades de acesso a linhas de financiamento específicas somam-se as dificuldades económicas dos proprietários do setor, o que não facilita a cooperação entre a indústria e a academia. Por outro lado, tanto a debilidade dos projetos de emissoras locais como o insuficiente reconhecimento da relevância do serviço público de rádio, contrariamente ao que acontece com a televisão, são fatores que concorrem para a menor visibilidade do meio em termos mediáticos comparativamente com outros *mainstream media*.

Não obstante a inexistência, em Portugal, de uma revista científica dedicada aos meios sonoros, duas revistas brasileiras em língua portuguesa oferecem aos investigadores um espaço para partilha de trabalhos: por um lado, a *Revista Rádio-Leituras*⁷, editada pelo Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Maria (Brasil), que iniciou a publicação regular em dezembro de 2010; por outro, a *Revista Sonora*⁸, dedicada à publicação de trabalhos sobre recursos tecnológicos e

⁶ O grupo adotou a mesma designação do grupo brasileiro de investigadores da Intercom, por entender que o âmbito da investigação neste domínio não deve restringir-se ao meio rádio, mas antes tratar do som em geral em qualquer suporte. Ver <http://radioemeiossonoros.wordpress.com>

⁷ Ver <http://radioleituras.wordpress.com/about/>

⁸ Ver <http://www.sonora.iar.unicamp.br/>

aplicações sonoras e editada pela Universidade Estadual de Campinas (Brasil). Mas outros fatores ainda favorecem a ideia de que os Estudos de Rádio são, em Portugal, não apenas uma área relevante do ponto de vista científico como também promissora e plena de desafios. Longe de estar esgotada, a investigação sobre este meio de comunicação oferece uma oportunidade de produção inovadora e original, que poderá contribuir quer para um conhecimento mais vasto da paisagem mediática quer para a revitalização do setor e da sua articulação com outras áreas das indústrias culturais. Numa perspetiva temática, o conhecimento da rádio enquanto meio reclama a realização de trabalhos que promovam a valorização do seu estatuto cultural, que fomentem uma melhor compreensão das potencialidades significativas do som e que contribuam para o desenvolvimento de políticas de arquivo e proteção do património sonoro. A diversidade temática da investigação em rádio beneficia, por outro lado, de uma abordagem interdisciplinar que convoca tanto a abordagem sociológica, como a abordagem histórica, passando pela abordagem semiótica e artística, pela dramaturgia e pelo jornalismo. Sem comprometer a autonomização do campo, esta interdisciplinaridade certifica a transversalidade do potencial interesse das disciplinas clássicas por este meio mais ou menos marginal.

Com a extensão da rádio para a Internet, multiplicam-se também os desafios enfrentados pelo meio, que se traduzem na sua reconfiguração quase por inteiro. Num livro dedicado à rádio na Internet, Pedro Portela considera que a este meio “se abrem múltiplas perspectivas para seguir um rumo próprio, integrando a internet na sua lógica de funcionamento” (2011, p. 133). Já num artigo publicado na revista *Comunicação e Sociedade* em 2005, Rogério Santos falava da Internet como a terceira tecnologia digital da rádio, referindo-se a “um duplo movimento, o das rádios que migraram para o digital (com emissões simultâneas em sinal aberto e na Internet) e as rádios nado digitais (com emissões exclusivas na Internet)” (Santos, 2005, p. 145). Desde a redefinição dos modelos de negócio até à multiplicação de formatos e à atualização de linguagens, portanto, a adaptação da rádio à Web dá o mote a um conjunto de novas abordagens, que podem passar, por exemplo, por alguns dos desafios sociais previstos no Horizonte 2020⁹, nomeadamente pelo desenvolvimento das chamadas comunidades criativas. Tendo em conta a expansão da investigação e dos projetos de intervenção em educação para os média (educomunicação) e de literacia mediática, é também expectável que a rádio possa ser assumida

⁹ O Horizonte 2020 é um Programa-Quadro Comunitário de Investigação & Inovação desenhado para enquadrar o trabalho científico no quinquénio 2015-2020.

definitivamente como um instrumento de desenvolvimento cultural e de estruturação das comunidades, tomadas tanto do ponto de vista geográfico como do ponto de vista identitário.

Talvez mais do que noutras áreas dos média, os Estudos de Rádio gozam ainda das vantagens resultantes da estreita relação dos investigadores portugueses com o meio profissional. Além disso, estes investigadores manifestam uma profunda motivação pela rádio como objeto de estudo e têm sido particularmente ativos na aproximação progressiva a grupos de referência internacional, como o Group de Recherche et d'Études sur la Radio, a Radio Studies Network, a Radio Research Section da ECREA¹⁰ e o grupo de Rádio e Mídia Sonora da Intercom. Construindo relações estáveis de solidariedade, mais do que de competitividade científica, a comunidade emergente de cientistas de rádio em Portugal tem-se movimentado para resgatar a rádio e o som das frequências moderadas em que têm vibrado no espectro da comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albert, P. & Tudesq, A. J. (1981). *Histoire de la radio-télévision*. Paris: PUF.
- Engelman, R. (1996). *Public radio and television in America: a political history*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Faus Belau, A. (1981). *La Radio. Introducción al estudio de un medio desconocido*. Madrid: Editorial Latina.
- Hendy, D. (2013). *Noise. A human history of sound and listening*. London: Profile Books.
- Lewis, P. (2000). Private passion, public neglect. The cultural status of radio. *International Journal of Culture*, 3, 160-167.
- Lewis, P. & Booth, J. (1989). *The invisible medium. Public, commercial and community radio*. Washington: Howard University Press.
- Martínez Abadía, J. (1995). *Introducción a la tecnología audiovisual: televisión, vídeo, radio*. Barcelona: Paidós.
- Martins, M. L. & Oliveira, M. (2013). Doctorado e investigação sobre comunicação em Portugal: panorama, retos y oportunidades. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 10(18), 250-265.

¹⁰ O segundo congresso deste grupo realizou-se na Universidade do Minho, em Braga, Portugal, em setembro de 2011.

- Oliveira, M. (2013). A história surda dos estudos de rádio e os desafios da investigação sobre as significações do ouvir. *Revista Significações*, 39, 71-87.
- Oliveira, M. & Portela, P. (2013). A rádio na frequência da Web. Nota introdutória. *Comunicação e Sociedade*, 20, 5-8.
- Oliveira, M.; Portela, P. & Santos, L. A. (Eds.) (2012). Preface. In M. Oliveira; P. Portela & L. A. Santos (Eds.), *Radio evolution. Conference proceedings* (pp. 3-4). Braga: CECS
- Pease, E. & Dennis, E. (Ed.) (1995). *The forgotten medium*. New Brunswick: Transaction Publishers.
- Portela, P. (2011). *Rádio na Internet em Portugal. A abertura à participação num meio em mudança*. Ribeirão: Húmus.
- Repiso Caballero, R.; Torres Salinas, D. & Delgado López-Cobar, E. (2011). Análisis de la investigación sobre Radio en España: una aproximación a través del análisis bibliométrico y de de redes sociales de las tesis doctorales defendidas en España entre 1976-2008. *Estudios sobre el mensaje periodístico*, 17(2), 417-429.
- Santos, R. (2005). Rádio em Portugal: tendências e grupos de comunicação na actualidade. *Comunicação e Sociedade*, 7, 137-152. doi: [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.7\(2005\).1214](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.7(2005).1214)